

PINGO DE LAVA



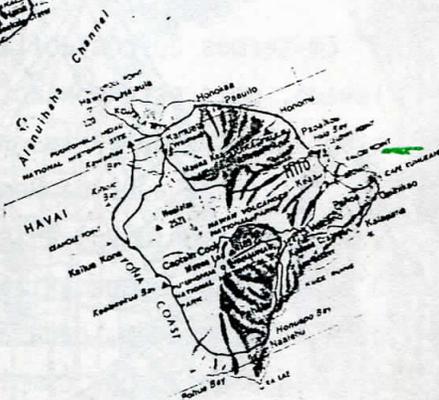
OS MONTANHEIROS

SOCIEDADE DE EXPLORAÇÃO ESPELEOLÓGICA
17ª TERCEIRA - AÇORES

NÚMERO 9

BOLETIM INFORMATIVO

30 SETEMBRO 1991



6TH INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON VULCANOSPELEOLOGY

Como já tinha sido noticiado, deslocou-se ao Hawaii, mais precisamente à cidade de Hilo, na Ilha Grande, uma delegação composta por três representantes de OS MONTANHEIROS que ali foram participar no 6TH INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON VULCANOSPELEOLOGY 1991, apresentando o trabalho GRUTAS E ALGARES DOS AÇORES E ALGUNS COMENTARIOS SOBRE A ORIGEM GEOLOGICA, DISTRIBUIÇÃO E FAUNA.

PINGO DE LAVA solicitou a um dos componentes da delegação que transmitisse, para os nossos leitores, impressões da viagem e dos trabalhos efectuados. E são do Presidente Manuel de Aguiar Silva as palavras que abaixo se transcrevem:

"Ver formar um tubo de lava, pisar lava pahoehoe a 1.000 graus, espreitar a entrada de lava no mar, sentir ao vivo todo o dinamismo de uma corrente de lava que avança, contorcendo-se e construindo figuras em pedra difíceis de representar pelo Homem, enfim, ter um contacto directo e bastante quente com a MÃE TERRA em erupção, foi uma experiência que para sempre ficará gravada na nossa mente.

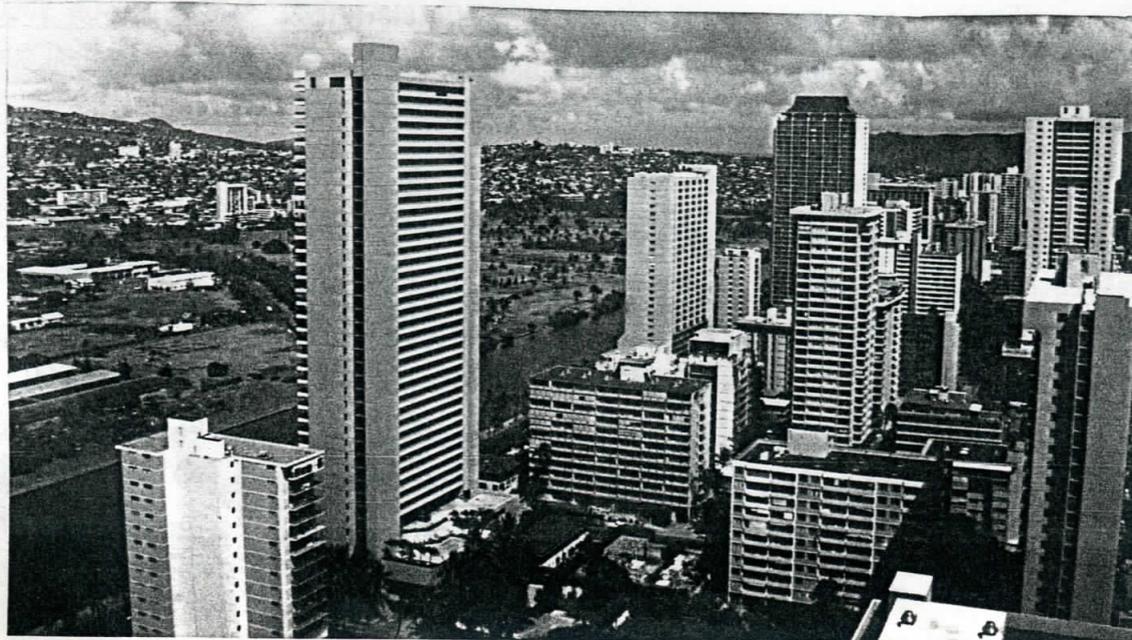
2
Com esta viagem, conseguimos aprender em meia dúzia de dias o que levamos anos a tentar compreender através de livros, video cassetes, diapositivos, enfim, toda uma gama de informação que não consegue sobrepôr-se à experiência ao vivo.

Todo o nosso conhecimento empírico sobre a génese das cavidades vulcânicas foi enriquecido com a participação naquele simpósio internacional de vulcanoespeleologia. Grandes nomes da ciência ligados à Vulcanologia, à química, à geofísica, exploração submarina à fauna, que vieram das quatro partidas do Mundo, da Islândia, do Japão, China, Austrália, Canárias, Bulgária, dos E.U.A., do Hawaii e dos Açores, naturalmente, deram a conhecer a sua experiência e conhecimento sobre a vulcanoespeleologia.

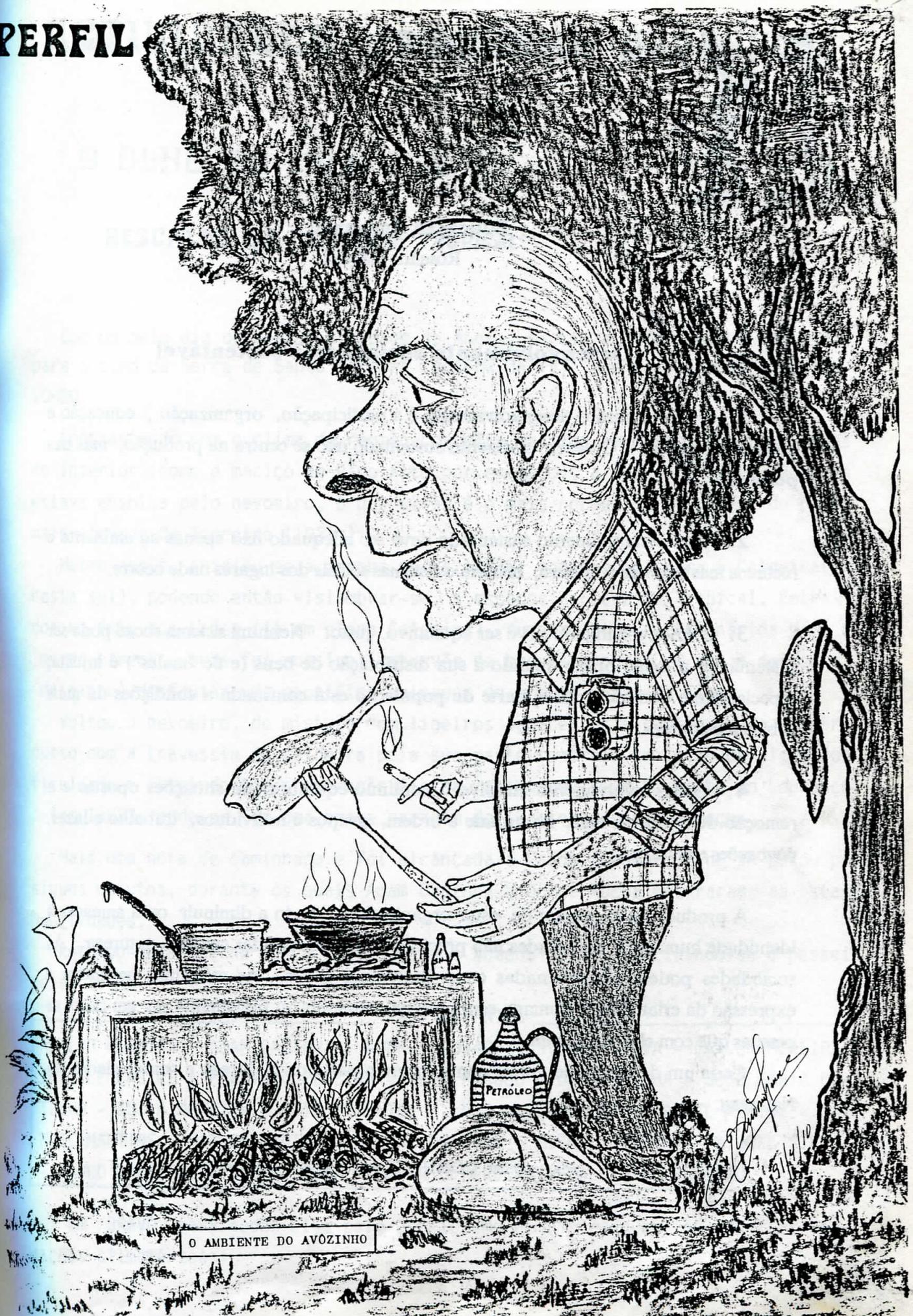
Dos trabalhos apresentados, destacamos a palestra OS TUBOS DE LAVA DO SISTEMA SOLAR E SUA CORRELAÇÃO COM OS DA TERRA, por Ron Greeley, A ERUPÇÃO DO PUU OO E O ESTUDO DO TUBO DE LAVA, por Christine Heliker, e a lição de biologia cavernícola com a descrição de espécies e bem assim a tecnologia electrónica que se utiliza para o estudo dessa fauna especial, por Frank Howarth, que muito enriqueceram o nosso conhecimento daqueles temas.

Em termos de contabilidade, o saldo foi positivo com "superavit" bastante elevado, pois este contacto com individualidades de alta craveira científica e especialistas de vários ramos da vulcanoespeleologia conseguirão melhorar a nossa actividade aqui na Região, pois aprendemos muito sobre a forma de se preservar o património vulcânico subterrâneo, designadamente, forma de proceder quanto à exploração, esquematização dos trabalhos, divulgação dos resultados e uniformidade de linguagem, para as gerações vindouras continuarem a estudar as cavidades que ainda estão por completar quanto à história da sua criação e dos seus processos."

PINGO DE LAVA voltará ao assunto, escalpelizando mais pormenorizadamente esta importante reunião internacional sobre Vulcanoespeleologia



PERFIL



O AMBIENTE DO AVÓZINHO

Handwritten signature and date:
 1974/10

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Educação Ambiental . 7

Rosalina Gabriel



Desenvolvimento socialmente sustentável

1. A chave para o desenvolvimento é a participação, organização, educação e poder das pessoas. O desenvolvimento sustentado não se centra na produção, mas nas **pessoas**.

2. O desenvolvimento sustentado deve ser adequado não apenas ao ambiente e recursos mas também à cultura, história e sistemas sociais dos lugares onde ocorre.

3. O desenvolvimento deve ser equitativo, justo. Nenhum sistema social pode ser sustentável a longo prazo quando a sua distribuição de bens (e de "males") é injusta, especialmente quando grande parte da população está confinada a condições da mais debilitante pobreza.

4. O desenvolvimento envolve o contínuo equilibrar de situações opostas e a remoção de barreiras entre liberdade e ordem, grupos e indivíduos, trabalho e lazer, povoações e natureza.

A produção não precisa de estar organizada de modo a diminuir ou a ameaçar a identidade humana. As cidades não precisam de ser concebidas contra a natureza. As sociedades podem ser ordenadas com indivíduos livres. As máquinas permitem a expressão da criatividade humana sem oprimir, diminuir ou fisicamente pôr em risco as pessoas que com elas trabalham.

Cada um de nós pode ver-se como fazendo parte da Natureza e como criador da Natureza.



O OLHO DO MILHAFRE

RESCALDO DA "FLORESTA TROPICAL"

Com um belo dia de Verão na cidade de Angra, partiu a caravana-auto às 09H45 para o cimo da Serra de Santa Bárbara (Antena da TV), que foi alcançado pelas 10H20.

Contrastando com o clima da região costeira da Ilha, e mesmo de outras zonas do interior (como o maciço do Pico Alto, por exemplo); a Serra de Santa Bárbara estava envolta pelo nevoeiro, o que aliás é o mais normal, tratando-se do ponto mais elevado da Terceira (1021m).

Mesmo assim, iniciou-se a marcha pelas 10H30, com descida para a Caldeira (encosta sul), podendo então vislumbrar-se, a espaços, a Floresta Tropical. Entrados no Vale dos Leões (já em plena Caldeira), rumaram os expedicionários para o morro careca, onde foi possível (através de breves minutos em que o nevoeiro dissipou) disfrutar uma magnífica paisagem de grande parte da Ilha.

Voltou o nevoeiro, de mistura com ligeiros aguaceiros, e continuou-se o percurso com a travessia da Caldeira pela sua parte central, trajecto de alguma dificuldade e exigindo boa preparação física, atingindo-se o Biscoito do Lourenço pelas 13H30, onde se fez uma breve paragem de 15 minutos para almoço.-

Mais uma hora de caminhada e foi alcançada a Lagoa Joanina, onde se parou por alguns minutos, durante os quais Adam Casinha e Jorge Rocha mostraram as suas habilidades.

Retomou-se a marcha com a subida para a Antena da TV, concluindo-se o passeio pelas 16H40.

PARTICIPANTES

ABILIO PEREIRA - ADAM CASINHA - ANDRÉ AGUIAR - ANTONIO SILVA - CARLOS MOREIRA
DORA LENCASTRE - FERNANDO PEREIRA - JOÃO ARAÚJO - JORGE ROCHA - JOSE MARIA BOTELHO - LÚCIA MOREIRA - LUIS PIMENTEL - LUIS VASCONCELOS - MANUEL ATAÍDE - MANUEL MARTINS - MARCOS AGUIAR - MARGARIDA PAIM - MIGUEL MOREIRA - MIGUEL SILVA - PAULO BARCELOS - PAULO SOUSA - ROBERTO PEREIRA e VALDEMIRO ESTEVAO.

Um BRAVO para todos eles pelo estoicismo demonstrado em tão adversas condições climatéricas!

ACTIVIDADES → SETEMBRO-1991



O OLHO DO MILHAFRE

RESCALDO DO "CALDEIRÃO DA ILHA"

Partida às 09H40 em caravana-auto até à Quinta dos Adrianos (na embocadura da canada que dá para a Nasce Agua) na Vinha Brava.

Apesar de não estar um "sol de rachar",havendo mesmo muitas nuvens,o dia mostrava-se convidativo ao passeio programado,o qual se iniciou com a subida para o Tanque (que fornece a água para as centrais hídricas da Nasce Agua, São João de Deus e Jardim Público), onde se fez pequena paragem às 10H15,continuando-se após a subida para a Serra do Morião,cujo marco(603m) foi atingido cerca das 11H00.

No alto da Serra fez-se um pequeno intervalo para descanso e apreciação paisagística. rumando-se em seguida para o Rosto, o ponto mais alto do maciço(632m) onde se parou para observação da bela panorâmica desta "janela natural" sobre o interior da Ilha, designadamente a Caldeira de Guilherme Moniz,autêntico CALDEIRÃO DA ILHA.

Recomeçou a caminhada pelo meio-dia,com a descida para a Caldeira,onde se almoçou junto à rocha do Rosto, das 12H45 às 13H15.

Atravessou-se então a Caldeira em direcção à Nascente do Cabrito,onde os participantes procuraram (em vão) saciar a sede que já era muita

Continuando viagem, com bom tempo,às 14H30 iniciou-se a subida para o pico do Espigão Barreiro (ou seja,a ponta do maciço junto à Furna da Água),podendo então observar-se a Caldeira de um outro ângulo.

Veio então a parte mais penosa da caminhada, a subida para o pico da Cafua,o 2º mais alto do maciço, com "rapa" de 70 a 90cm,dificultando a escalada.

Dáí rumou-se para o marco do Morião,que se voltou a alcançar,desta feita às 16H45,iniciando-se logo após a descida para o Tanque,onde foi tirada a fotografia colectiva aos vinte participantes abaixo mencionados. Eram 17H15.

O passeio terminaria pouco depois,às 17H40,junto à nunca tão desejada torneira da Laginha,onde todos se saciaram.

PARTICIPANTES

Abílio Pereira	-	Aguinaldo Antunes	-	Anabela Ribeiro	-	Ana Rego	-
Cláudia Helena	-	Cláudia Martins	-	Dora Lencastre	-	Eduino Rosa	-
Fátima Leal	-	Fernando Pereira	-	João Barbosa	-	José Maria	-
Rocha	-	Luis Vasconcelos	-	Natal Abreu	-	Paulo Moniz	-
Machado	-	Teresa Lima	-	Teresa Moniz	-	Valdemiro Estevão.	



VOLTA AO MONTE BRASIL

Concentração às 09H30 (sede de OS MONTANHEIROS)
Partida para o Monte Brasil às 10H00 e início
do circuito. Churrascada no fim às 14H00.

O OLHO DO MILHAFRE

APETRECHOS ACONSELHÁVEIS:

- Mochila c/farnel
- Calçado adequado
- Bordão para apoio



SÁBADO,
5
OUTUBRO



ANGRA DO HEROÍSMO

CHURRASCADA DE
ENCERRAMENTO

"As costas das ilhas dos Açores são pouco recortadas.(...).São costas limpas,por onde se pode navegar à vontade mas que em compensação oferecem poucas baías ou an-sas onde uma embarcação possa refugiar-se de um temporal.

Aconteceu contudo por vezes,quando a actividade vulcânica estava ainda no auge, que se deram erupções mesmo na linha da costa ou pouco ao largo dela e formaram-se morros,penínsulas ou ilheus que o furor das vagas não tem logrado destruir comple-tamente,e que alteram a regra acima referida.

(...)

Ocupando uma área de 1,15 Km² em projecção e atingindo uma altitude máxima de 205m, o Monte Brasil é o mais notável dos acidentes desta espécie que se encontram nos Açores.(...).

O Monte Brasil,ligado à parte média da costa sul da ilha Terceira,forma com es-ta duas amplas baías,uma a leste,a angra que deu nome à cidade,e outra a oeste, a baía do Fanal.

Na sua actual configuração apresenta em planta a forma aproximada de um losango preso por um dos vértices ao istmo. Inscrita no losango está uma circunferência a contornar a Caldeira que serve de núcleo ao conjunto.

O vértice do losango voltado a leste é a ponta de Santo António e o voltado a oeste é a ponta de S.Diogo. Aquele que fica virado ao sul projecta a prumo,de uma altura de 160m o chamado pico da Quebrada.

Por cima da ponta de Santo António fica o pico do Facho. (205m) e por cima da de S.Diogo o pico do Zimbreiro(199m). Voltado para a ilha fica um lombo arredondado denominado pico das Cruzinhas(168m) onde se acha um padrão ou coluna encimada pela cruz de Cristo,ali colocado em 1932 para comemorar o quinto centenário do descobri-mento dos Açores pelos navegadores portugueses.

Entre a ponta de Santo António e a de S.Diogo medeiam 1450m,em linha recta,e do pico da Quebrada ao istmo há uma distância aproximadamente igual.

O istmo,em parte formado por um promontório da ilha,ou ilheu,anterior à forma-ção do Monte Brasil,onde está a cidadela da fortaleza,com uma altitude de uns 40m, tem uma extensão de cerca de 200m na parte oriental(cais da Figueirinha ao canto da Rocha),de 500m na parte ocidental(cais do Castelo ao Fanal).

O fundo da Caldeira é sensivelmente plano e tem uma altitude,na parte mais bai-xa,de uns 45m acima do nível do mar.

Os pontos de tangência da circunferência da Caldeira com o losango formam a nordeste e a noroeste rebaixamentos sulcados por grotas. Uma delas,a grota de San-to António separa o pico das Cruzinhas do pico do Facho. Ali existe uma ermida de-dicada a Santo António. A outra grota separa o pico do Zimbreiro do pico das Cru-zinhas e desce para S.Diogo.

E por este último lado que penetra na Caldeira,por um colo de cerca de 120m de altitude,o caminho de acesso àquela,o qual se prolonga depois,ramificando-se até aos cumes dos picos que a rodeiam.

Entre o pico do Zimbreiro e o da Quebrada há uma simples gola,pouco inferior em altitude a este último pico,mas entre o pico da Quebrada e o do Facho há uma for-te degoladura com cerca de 90m de altitude,onde se encontram as ruínas do forte da Quebrada.

As costas do Monte Brasil,que correspondem aos lados do losango voltados para a ilha são baixas,vindo o declive das encostas dos picos,que é bastante áspero (30º ou mais) morrer naturalmente no mar,cujo fundo desce com a mesma inclinação. As costas que correspondem aos lados do losango voltados ao sul são cortadas a prumo e o mar junto delas tem uma profundidade de uns 50m. É interessante notar que,descendo essas quebradas verticalmente sobre o mar,a acção erosiva das vagas é insignificante,não se notando qualquer diferença notável no se contorno nestes últimos 50 anos.

O pico do Facho e o do Zimbreiro apresentam,vistos de longe,um feitio cónico, mas o pico das Cruzinhas é um lombo arredondado como já se disse. Este contraste tem relação com o modo de formação daqueles picos e deste último,como adiante se verá. Na realidade os picos do Facho e do Zimbreiro não são mais do que os pon-tos mais elevados de um bordo primitivo da Caldeira,que seguia o contorno desta e cuja continuidade foi ao sul desfeita pela erosão do mar e ao norte pela forma-ção posterior do pico das Cruzinhas.

O pico da Quebrada pouco sobressai no relevo geral do Monte Brasil,parecendo mais um apêndice,para leste,do pico do Zimbreiro. Isto aliás não é senão aparência,como se verá.

Como acidente vulcânico o Monte Brasil tem um particular interesse por ser na realidade um vulcão inteiramente constituído por tufo,na parte que emerge acima da superfície do mar,dumas proporções não igualadas por outro cone da mesma natureza nos Açores e porventura não muito fáceis de encontrar em outras regiões.

Não pode considerar-se propriamente como resultante de uma simples erupção secundária em relação com o foco principal da caldeira de Guilherme Moniz.

Devemos antes tê-lo como um foco autónomo,em ligação com a fractura transversal que corta mais ou menos perpendicularmente a grande fractura S.Miguel - Terceira - Graciosa - Corvo,e que passa na caldeira de Guilherme Moniz. Entre esta e o Monte Brasil surge a massa traquítica do Espigão,resultante de uma erupção estendida longitudinalmente de NNE para SSW,e a erupção basáltica sobre que assenta a fortaleza de S.João Baptista,na parte ocidental do istmo.

Esta fractura transversal prolonga-se talvez até à grande fractura S.Jorge - Sete Cidades e é muito possível que para SSW do Monte Brasil se encontrem vestígios de outros acidentes vulcânicos submarinos,ainda por explorar. É sabido que até em época recente se deram a SE da ilha de S.Jorge erupções que causaram o corte do cabo submarino que liga Pico e Terceira,cujo foco nunca foi localizado com precisão.

O exame dos materiais que constituem o Monte Brasil mostra que,sendo tufos,oferecem no entanto particularidades que denotam ter ali havido pelo menos duas erupções distintas e separadas por largo intervalo de tempo. Veremos que tudo parece conduzir à conclusão de terem sido realmente três as erupções,sendo as duas últimas muito mais recentes do que a primeira,tendo a intensidade da actividade vulcânica diminuído acentuadamente nas três erupções.

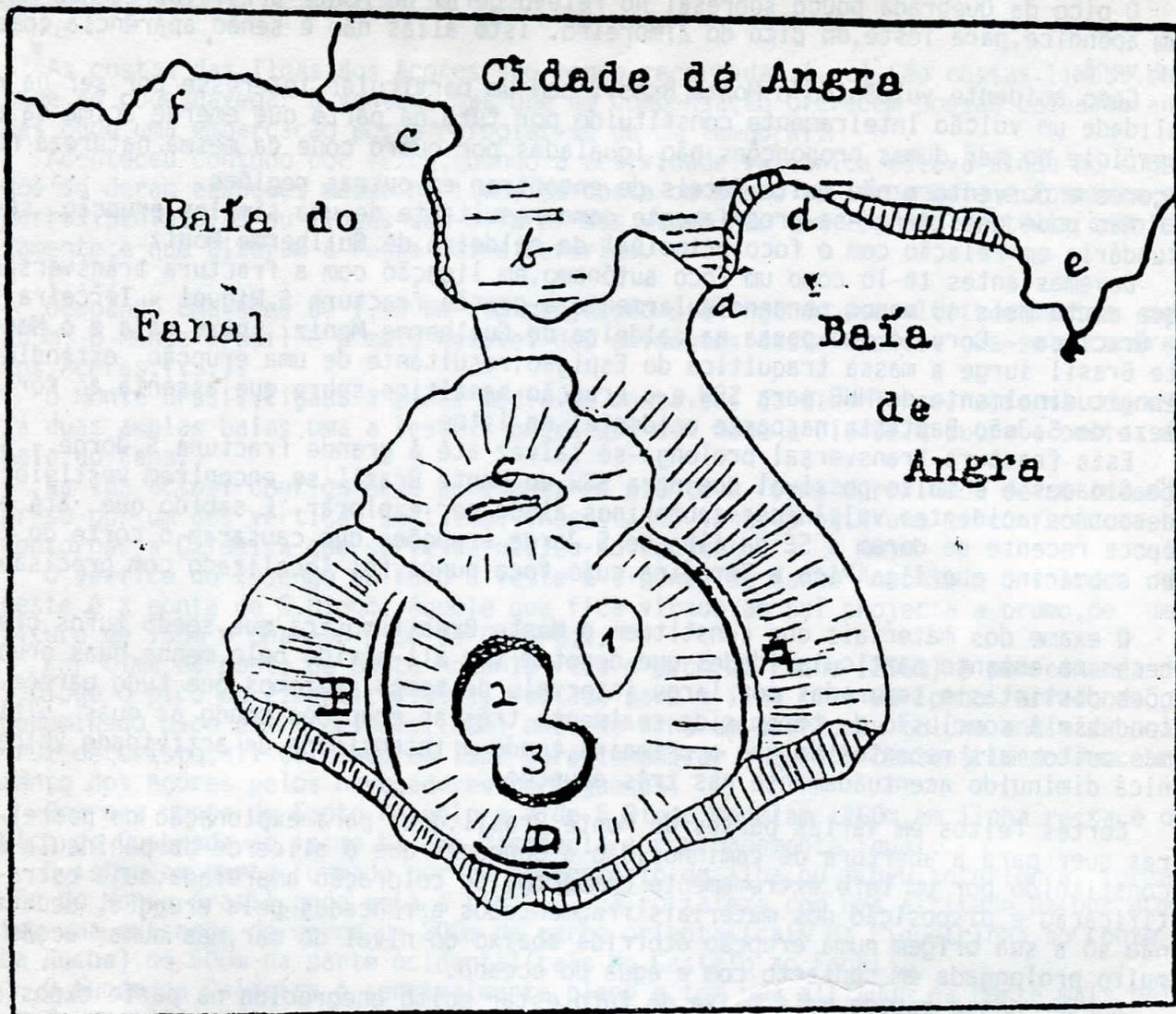
Cortes feitos em várias partes do Monte Brasil,quer para exploração de pedreiras quer para a abertura de caminhos,dão a conhecer que o alicerce da península é constituído por um tufo extremamente compacto, de coloração amarelada,cuja estratificação e disposição dos materiais fragmentados arrancados pela erupção, denotam não só a sua origem numa erupção ocorrida abaixo do nível do mar,mas numa acção muito prolongada em contacto com a água do oceano.

Apesar dessa camada mais baixa de tufo estar muito enegrecida na parte exposta na falésia do lado do sul,e não poder portanto distinguir-se pela coloração do tufo mais recente que lhe fica por cima,é patente a diferença de estratificação,muito mais próxima da horizontalidade e mais regular na parte inferior da quebrada do que do meio dela para cima.

Onde porém as duas camadas de idades diferentes patenteiam duma forma flagrante as suas diferenças,é no corte que existe no caminho de S.Diogo,junto à grotta dele e a NE desta,contíguo a uma antiga cisterna. Aí se vê bem o tufo mais antigo,cortado a picão há uns três séculos,quando se lançou por ali uma muralha,mas tão duro que a acção do vento não lhe tem causado a menor erosão. Logo por cima dessa camada amarelada encontra-se uma outra de tufo negro,que provem da erupção que deu origem ao pico das Cruzinhas e foi também cortada a picão na mesma época,mas sobre a qual a acção erosiva do vento,que ali sopra por vezes com extraordinária violência,tem sido notável.

Em outros pontos se observa também a diferença entre o tufo negro recente e o tufo amarelado, antigo, reduzido já inteiramente a palagonite,diferença que já foi notada no tempo da construção da fortaleza,em fins do século XVI,pois se abriram pedreiras no tufo mole até se chegar a essa palagonite,de que se tirou o material para as muralhas do castelo. Vejam-se as pedreiras da Caldeira e as que ficam por cima da ponta de Santo António. Vejam-se também as partes da costa em que o mar levou o tufo negro e deixou quase intacto o tufo amarelado,que lhe fica por baixo.

Examinando a estrutura do Monte Brasil, sobretudo o interior da Caldeira, acaba-se por encontrar elementos que conduzem com certa segurança a formular uma hipótese sobre a série dos fenómenos eruptivos que levaram à formação daquela península.



Dentro da Caldeira há três áreas sensivelmente planas e a níveis diferentes, indicadas na figura junta pelos números 1, 2 e 3. Destas a que se encontra a nível mais elevado (a número 1) acha-se na parte NE, a uma cota aproximada de 90m acima do nível do mar, e tem a forma de um ferro de engomar (nome por que era conhecida) sendo a sua curvatura da parte NE mais ou menos paralela à curvatura do pico do Facho. Supomos que seja o que resta da primitiva cratera, de cujos bordos restam ainda os dois picos, do Facho (A) e do Zimbreiro (B).

Subsequentemente deu-se uma erupção de grandes proporções, subaérea e não submarina como a anterior, de cuja chaminé resta a parte indicada com o número 2 da figura (serrado grande do fundo da Caldeira), cujos materiais foram arrastados pela acção do vento para o lado norte, acumulando-se no actual pico das Cruzinhas e estendendo-se mesmo pela parte da ilha que lhe fica sobranceira. Toda a cidade de Angra tem o seu solo constituído por tufo dessa origem, dentro do qual, quando se fazem escavações, se acham copiosos vestígios de matas de Persia Azorica (louro do mato), de Hedera canariensis (hera), etc.

Nota-se a forma arredondada do pico das Cruzinhas em contraste com a disposição simétrica em volta da Caldeira dos dois picos do Facho e do Zimbreiro, denotando como os materiais que formaram estes provieram de uma erupção submarina e os daquele de uma erupção subaérea.

A chaminé desta segunda erupção fechou-se pela superfície mais ou menos circular indicada, como se disse, pelo número 2, cuja altitude é de 50m aproximadamente.

Finalmente deve ter ocorrido uma terceira erupção, cuja chaminé deixou como vestígio a área circular indicada com o número 3, cuja altitude é apenas de 45m e que cortou um segmento na cratera 2, como se vê na figura.

Estas duas erupções talvez se tenham dado com pequeno intervalo, não tão pequeno no entanto que os bordos da cratera 2 não estivessem já perfeitamente consolidados. Os materiais soltos desta terceira erupção, também subaérea, parecem ter sido levados pelo vento para o sul, formando o chamado pico da Quebrada D.

Materiais das erupções 2 e 3 cobriram sucessivamente os bordos da caldeira formada pela erupção mais antiga, que deviam ter uma altitude primitivamente muito inferior à actual, Contudo a estrutura inicial não foi notavelmente alterada e, conforme acabamos de ver, é possível estabelecer com certa verossimilhança uma relação entre os vestígios das chaminés das três erupções e os acidentes orográficos que se encontram em volta delas.

Quer no tufo mais antigo (palagonite) quer nos mais recentes, encontram-se fragmentos abundantes de basalto (no pico da Quebrada há um bloco que deve pesar cerca de uma tonelada). Uns são de basalto plagioclásico, com poucas incrustações de cristais de tamanho notável, outros porém são de basalto olivínico e alguns são de basalto olivínico com grandes cristais de augite a que Esenwein chama dolerito olivínico. São extremamente raros os fragmentos de traquite e nunca lá encontrei o menor vestígio de calcáreo ou de sienitos.

Nos tufos mais recentes encontram-se aqui e além bombas vulcânicas, denotando a sua formação subaérea.

Procurando investigar a época da formação do Monte Brasil somos levados naturalmente a estudar as camadas de depósitos vulcânicos que se encontram patentes na zona da ilha a que ele fica contíguo.

A costa da baía de Angra, do lado norte, assenta numa camada de basalto que vem já da baía das Aguas pelo Castelinho e por baixo de Cantagalo, inflecte-se para sul um pouco a oeste do cais da Alfândega e desaparece no canto da Rocha (ponto a na figura), coberta pelo tufo do Monte Brasil. Um exame atento mostra que, antes da formação deste, a costa seguia daí para NW contornando o actual bairro dos Quatro Cantos até à ermida da Boa Nova, depois por detrás do hospital militar até S. Gonçalo e por aí fora, para o norte vamos perdê-la para além da Praça de Touros.

Toda essa camada de basalto que forma o alicerce da costa até se perder de vista, parece pertencer à mais antiga caldeira da ilha, que abrangia a Achada e os Cinco Picos, sendo únicos restos dos seus bordos primitivos a serra do Cume da Praia e a serra da Ribeirinha.

Sobre essa camada de basalto aparecem várias camadas de cinzas e aglomerados, em parte certamente produzidos pela grande erupção traquítica que deu origem à Caldeira de Guilherme Moniz. Esta erupção desfez o bordo ocidental da caldeira atrás referida, estabelecendo-se a ligação entre as duas nas alturas do pico Redondo.

Como espécie de contraforte dessa caldeira de Guilherme Moniz formou-se provavelmente ao mesmo tempo que ela a elevação do Espigão, também traquítica, prolongando-se para SSW e estendendo dois braços até ao mar, um que desce da Canada Nova até ao Fanal (ponto c na figura) e outro mais ao norte que vai terminar na Silveira (ponto f), sendo possível que esta última tivesse estado em tempos separada do resto da ilha, formando um ilheu.

Em a e f são os fundamentos da costa constituídos por traquite visivelmente ligada ao do Espigão, que mais para sul se prolongava até à parte ocupada pela cidade.

Toda esta parte é de formação posterior à linha de costa do lado da baía de Angra.

Entre os pontos c e a ergue-se a parte elevada b do istmo do Monte Brasil, assentando numa massa potente de lava basáltica, que teria constituído porventura um ilheu, não sendo fácil estabelecer concludentemente a sua idade em relação às duas formações anteriores, parecendo contudo positivamente mais recente do que a primeira.

Sobre as três aparecem várias camadas de cinzas e aglomerados, cuja continuidade em toda a extensão da costa desde o Fanal até à baía de Angra será talvez possível fixar por um exame detido. E sobrepujando todas elas está uma camada de tufo evidentemente proveniente das erupções do Monte Brasil. Sobre a parte do istmo b essa camada de tufo tem mais de uma dezena de metros de espessura, prolongando-se depois pelo Fanal, em c. Vamos ainda encontrá-la formando a camada mais superficial do promontório ou ilheu a que atrás aludimos, em f, na Silveira.

Do lado da baía de Angra o tufo formou o Relvão, e cobriu toda a zona que lhe fica a norte, constituindo camada possante por cima da Prainha em a e d e continuando por Cantagalo, adelgaçando-se já bastante na altura do Castelinho.
(...)

O tufo do Monte Brasil, mesmo o mais recente, é extremamente compacto e a parte já transformada em humus é mantida em estado de agregação pelo enraizamento da vegetação que por toda a parte luta contra a erosão das águas e as derrocadas. A erosão só logra manifestar os seus efeitos naquelas partes onde a intervenção sábia do homem tem desnudado a terra, quer para arrancar lenhas, quer para transformar em terreno de cultura zonas inclinadas onde a terra solta é fatalmente levada pelas águas.

Coberta em toda a área onde a Natureza é deixada em pleno exercício da sua acção, por uma vegetação exuberante, que desce quasi até à babugem das vagas, o Monte Brasil oferece vantagens excepcionais para um parque modelo, aliando as condições que se exigem num lugar de recreio e de retempero para o corpo e para o espírito, a outras que agradariam aos mais exigentes naturalistas no estabelecimento de um imenso jardim botânico. E até mesmo como zona reservada para determinadas espécies animais o seu aproveitamento seria fácil por oferecer vantagens difíceis de reunir em conjunto em qualquer outro lugar.

As condições de clima do Monte Brasil são as que oferece a zona litoral da ilha. Uma temperatura média anual de cerca de 17,5 graus, com 14,3 no mês mais frio (Fevereiro) e 22,0 no mais quente (Agosto). Nunca a temperatura desce abaixo de 4, mesmo nos dias mais frios do inverno, nem alcança os 30 nos dias mais quentes do verão. A pluviosidade medida num posto udométrico situado no pico do Facho deu os seguintes resultados: precipitação anual média 862 mm, precipitação no mês mais pluvioso (Dezembro) 103 mm, e no mês menos abundante em chuva (Julho) 31 mm.

Um factor importante no clima do Monte Brasil é o vento. Toda a zona ocidental e as costas voltadas a esse lado são batidas por ventos violentos dos quadrantes de sudoeste e noroeste, não resistindo aí senão uma vegetação bravia, própria para vencer tais inclemências. A parte oriental porém oferece maior defesa contra vento e é possível estabelecer nela zonas abrigadas, onde os vegetais mais delicados possam ser cultivados.

O Monte Brasil nunca foi cultivado ou mesmo explorado para a produção de madeiras senão parcialmente. Ainda ali devem pois encontrar-se plantas cujos ascendentes são ainda mais velhos do que os primeiros povoadores.

Estão neste caso, pelo que toca às plantas lenhosas, a urze (Erica azorica) e a faia da terra (Myrica Faya), que descem até mesmo à beira da água e o tamujo (Myrsine africana) que só se encontra na parte mais elevada do pico do Zimbreiro. Este nome revela decerto a existência outrora ali do zimbro. Outras espécies lenhosas autóctonas teriam também lá existido, sendo certo porém que a maior parte delas só medram a altitudes superiores à dos picos mais altos do Monte Brasil.

Com o andar dos tempos foram ali introduzidas outras espécies que se espalharam amplamente e fazem hoje parte integrante da flora própria. O álamo branco (Populus alba) é extremamente comum em toda a zona que fica mais perto do mar, assim como a tamargueira (Tamarix africana), impropriamente denominada salgueiro, na ilha.

Há alguns anos espalhou-se ali a faia de incenso (Pittosporum undulatum) que vai desalojando a faia da terra, que acabará por extinguir-se se não for eficazmente defendida, ali e em outras partes da ilha, contra o seu implacável inimigo.

Outras plantas que dão na vista pelo seu porte e dão feição característica à paisagem do Monte Brasil são as piteiras (Agave americana), perto da beira mar, as canas (Arundo donax), utilizadas como abrigo contra o vento e profusamente espalhadas principalmente à beira das rochas.

Por toda a parte crescem as silvas (Rubus ulmifolius) trazidas para a ilha, segundo diz Frutuoso, para servirem de eficaz divisória dos serrados, mas hoje tão propagadas que constituem um verdadeiro flagelo. Elas crescem pelo meio do mato de urzes e faias, tornando-o impenetrável em grandes extensões.

Outra planta lenhosa, que também está adquirindo extraordinária expansão no Monte Brasil, é o cambará (Lantana camara), que na Primavera e no Verão aformoseia as beiras dos caminhos, mas que invade por igual as matas e constitui obstáculo quasi tão embaraçoso e incómodo como as silvas. Juntamente com o cambará aparece também

a planta conhecida nalguns lugares da ilha por milho cozido (Eupatorium glandulosum) e a trepadeira chamada do Natal, porque por essa época floresce (Senecio mikanioides).

Em vastas extensões do Monte Brasil crescem as belas-donas (Amaryllis Belladonna) que dão o nome a um caminho que corta a meio o pico do Zimbreiro e põem no Outono manchas cor de rosa no verde da outra vegetação. E muito espalhadas também se encontram as moutas de jacintos (Narcissus Tarzetta) assim como os jarros (Zantedeschia aethiopica) que descem quasi até junto do mar e se encontram igualmente nos pontos mais altos.

As rochas do Monte Brasil enfeitam-se na Primavera de saramagos floridos (Raphanus raphanistrum) e de uma outra crucífera de flor amarela, sem nome particular, o Rapistrum orientale. Mais tarde florescem, também no mesmo tom, os cubres (Solidago sempervirens).

Os espaços livres de mato enchem-se de trevo branco (Trifolium repens) na Primavera e no Verão. No Inverno a erva azeda (Oxalis cernua) reveste os campos e as beiras dos caminhos com as suas grandes flores amarelas.

Não é nosso propósito descrever a flora do Monte Brasil, mas apenas apontar aquelas plantas que, por mais vistosas e espalhadas, revestem a paisagem por forma mais característica. E seria imperdoável deixar de mencionar com este propósito o extenso pinhal que cobre quasi toda a vertente norte do pico do Facho, o qual foi plantado há uns setenta anos e tem sido mantido felizmente na sua integridade através de todas as inclemências por que tem passado o Monte Brasil.

A flora do Monte Brasil é aliás a mesma da zona litoral da Ilha Terceira, sem nada especial que a distinga, a não ser aquilo que procurámos enumerar.

Nos domínios da Fauna, o que poderá dizer-se com maior ênfase é que aquela península se presta grandemente para ser aproveitada como uma zona reservada para as espécies mais características açorianas.

A extensão do Monte Brasil, a vastidão das zonas impenetráveis que ali se encontram, as quebradas inacessíveis, tudo isso já hoje constitui uma excelente defesa de certas espécies contra os seus perseguidores, no número dos quais o ser humano figura sempre em primeiro lugar por estas ilhas.

Dos mamíferos, existem ali em abundância o coelho (Lepus cuniculus) e a doninha (Mustela vulgaris), que lhe dá caça. Os ratos têm ali perto excelente zona de actividade e portanto não se espalham pelo campo. O morsego (Vespertilio Leysleri) é também frequente.

Um único réptil - o único aliás que existe nos Açores -, a lagartixa (Lacerta Dugesii) serpenteia pelas velhas muralhas e mete-se pelo meio do campo, pois mudou de hábitos aqui nos Açores e deixou de ser exclusivamente insectívoro para se alimentar também de ervas e frutos.

Das aves a mais notável, aquela que raramente deixa de ser vista pairando por sobre aquelas vertentes à espreita de algum láparo, é o milhafre (Buteo buteo insularum), aqui chamado queimado. Nas rochas voam constantemente de um lado para o outro, amedrontadas, as pombas bravas (Columba livia). Ao longo da costa cortam o ar quasi constantemente as gaivotas (Larus fuscus atlanticus), aqui designadas por garças. No Verão pousam nos calhaus os garajaus (Sterna hirundo) ou fazem sua pesca de mergulho, por ali perto, enquanto que ao largo pousam sobre as ondas grandes bandos de cagarros (Puffinus Kuhli), que têm os seus ninhos em buracos inadessíveis da Quebrada.

Das matas do Monte Brasil são bastante permanentes o melro preto (Turdus merula azorensis), o tentilhão (Fringilla coelebs Moreletti), o canário (Serinus canaria canaria) e o estorninho (Sturnus vulgaris Granti). Menos frequente, o pintassilgo (Carduelis carduelis parva), a vinagreira (Er thacus Rubecula) e o touto (S livia atricapilla). Raramente por lá aparece a codorniz (Coturnix coturnix conurbans) e as perdizes que em tempos lá foram introduzidas extinguíram-se de todo.

Espreitando uma caça fácil tenho encontrado nalgumas matas do Monte Brasil o mocho (Asio Otus).

No calhau de S. Diogo, decerto por estar livre de grande frequência de gente, tenho visto uma vez ou outra algumas espécies de arribada, especialmente a garça real (Ardea cinerea), conhecida na ilha Terceira por João Cardoso e pequenos bandos de vira-pedras (Arenaria interpres) abibes (Tringa Vanellus), maçaricos (Charadrius a-

lexandrinus), etc. Faço a citação unicamente para frisar as condições de protecção que ali poderiam garantir-se a estas espécies e outras.

Não há lagoas no Monte Brasil, nem pequenas nem grandes, nem sequer simples charcos, pois que o tufo é tão permeável que a água nele se não acumula. Por isso não há ali a fauna própria dos charcos. Poderiam no entanto criar-se artificialmente, se houvesse desejo de acrescentar ainda mais um motivo de atracção àquele magnífico parque.

A fauna entomológica do Monte Brasil não tem apresentado quaisquer particularidades interessantes aos entendidos que a têm estudado. Registemos apenas, ainda a bem da sua fama, que ali não há em época alguma os insectos incómodos que pululam noutras regiões. E muito menos os bichos nocivos, transmissores de doenças. Ou não se dão bem com a pureza daquela atmosfera, ou os ventos que a sacodem fortemente de vez em quando os varrem para longe.

Muitas vezes se tem pensado transformar o Monte Brasil em um parque onde os habitantes de Angra vão refrescar os pulmões e, ali mesmo ao pé da porta, pôr-se em contacto com uma natureza rica de atractivos, bálsamo precioso e reconfortante para os que levam uma vida de trabalho e não têm posses para procurarem longe uma mudança de ambiente e de horizontes.

Não é com as possibilidades financeiras de qualquer corporação local que tal desiderato pode vir a ser alcançado. Mas que ao menos se acarinhe e se defenda aquilo que dentro das fracas posses do meio é possível alindar e proteger. E estas linhas outro fim não têm senão avivar um interesse que, se não está morto, está contudo longe de atingir um ponto culminante compatível com a modéstia dos recursos locais.

(JOSE AGOSTINHO, in "AÇOREANA", Vol. IV, 1949)

Decreto Regional n.º 3/80/A

Medidas de protecção para a paisagem do Monte Brasil

O Monte Brasil, morto com crateras de antigos vulcões, constitui uma península sobranceira à cidade de Angra do Heroísmo. Nele se acha implantado o Castelo de S. João Baptista, uma das mais vastas e importantes fortalezas dos finais do século XVI construídas no nosso país.

Denominado de S. Filipe até à Restauração, o Castelo de S. João Baptista tem servido, desde o século XVI, de quartel das diversas unidades militares, que ao longo de reformas sucessivas tem ocupado as suas instalações.

Pelo Decreto n.º 32 973, de 18 de Agosto de 1943, a Igreja de S. João Baptista, a fortaleza e as suas muralhas foram classificadas como alívio de interesse públicos, com vista à sua conservação e protecção, uma vez que se verificavam permanentes atentados à multiseccional fortaleza. No entanto, verificou-se que desde data até aos nossos dias tal medida legislativa não surtiu os efeitos que se desejava, pois que o maior número de demolições e construções modernas se realizaram exactamente ao longo dos últimos trinta anos.

Acresce a isto o facto de o Monte Brasil constituir um parque natural da cidade, com espécies arbóreas e arbustivas de especial interesse e com excelentes miradouros, não só sobre o aglomerado urbano, como também sobre grande parte da costa sul da ilha Terceira e ilhas situadas a ocidente.

O Monte Brasil afirma-se assim, não só como o centro de uma das mais ricas zonas paisagísticas da Ilha Terceira, mas ainda como uma zona altamente impregnada pelos eventos históricos eporianos dos últimos quatro séculos, muitos dos quais se desenvolveram dentro das muralhas da sua fortaleza.

Por estes motivos torna-se imperioso e urgente preservá-lo e valorizá-lo.

Assim, nos termos do artigo 229.º, n.º 1, alínea a), da Constituição, e Assembleia Regional decreta o seguinte:

Artigo 1.º Pelo presente diploma é criada e definida a zona de paisagem protegida do Monte Brasil.

(...)

Art. 4.º — Fica dependente da Secretaria Regional do Equipamento Social, precedendo parecer favorável da Secretaria Regional da Educação e Cul-

tura, dentro do perímetro da paisagem protegida do Monte Brasil, bem como das zonas descritas no artigo 3.º deste decreto regional, a autorização para a realização dos seguintes trabalhos:

- a) Construção, reconstrução, ampliação, alteração ou demolição de edifícios e outras instalações de carácter público ou privado;
- b) Pinturas e criações de edifícios ou muros, existentes ou a construir, bem como quaisquer alterações dos elementos ornamentais dos mesmos.

2 — Fica dependente de autorização da Secretaria Regional do Equipamento Social, ouvidos os serviços competentes das Secretarias Regionais da Agricultura e Pesca e da Educação e Cultura, e dentro do perímetro da paisagem protegida do Monte Brasil, a realização dos seguintes trabalhos:

- a) Alterações importantes, por meio de aterros ou escavações, na configuração geral dos terrenos;
- b) Derrube de árvores, em maciço ou de espécies isoladas, devidamente identificadas no plano de ordenamento e elaborar em cumprimento do artigo 12.º;
- c) Criação de novas pastagens;
- d) Corte de leivas ou matas;
- e) Abertura de novas vias de comunicação e passagem de linhas eléctricas ou telefónicas;
- f) Abertura de fossas ou depósitos de lixo;
- g) Captação e desvios de água ou quaisquer outras obras de hidráulica;
- h) Caça e pesca, enquanto não existam regulamentos superiormente aprovados que as contemplem.

3 — As autorizações a que se referem os números anteriores deste artigo não dispensam quaisquer outros condicionamentos exigidos por lei.

Art. 5.º São consideradas contra-venções:

- a) A realização de quaisquer trabalhos, obras ou actividades em terrenos abrangidos pela paisagem protegida, bem como nas zonas descritas no artigo 3.º, sem a autorização da Secretaria Regional do Equipamento Social;
- b) O exercício da caça e da pesca, enquanto não for regulamentado pelas entidades compe-

teses da matéria, dentro do perímetro da paisagem protegida;

- c) A introdução e o estabelecimento, nos terrenos situados na zona da paisagem protegida, de veículos, caravanas ou barracas, com inobservância dos conditionalismos que forem estabelecidos;
- d) A instalação de locais de campismo ou acampamentos em terrenos situados na zona da paisagem protegida fora das áreas especialmente destinadas e aprovadas para esse fim, ou a inobservância das condições, fixadas por via regulamentar, sobre tal instalação;
- e) O abandono de detritos fora dos locais especialmente destinados a esse fim;
- f) O depósito de materiais, ou qualquer outra alteração do relevo; a introdução, na zona de paisagem protegida, de animais não domésticos e de espécies vegetais exóticas, quando não superiormente autorizados, bem como a destruição ou colheita de plantas e partes de plantas endémicas, ou daquelas cujo habitat nos Açores está confinado, exclusivamente ou quase, à zona do Monte Brasil.

Art. 6.º — 1 — As contra-venções previstas no artigo 5.º, sem prejuízo de outras sanções aplicáveis, são punidas:

- a) Com multa de 500\$ a 10 000\$, as previstas nas alíneas a), c), e) e f);
- b) Com multa de 500\$ a 1000\$, as previstas na alínea d);
- c) Com multa de 500\$ a 5000\$, as previstas nas alíneas b) e e);
- d) Com o máximo das multas previstas nas alíneas anteriores, respectivamente, e prisão até um mês, em caso de reincidência.

Art. 7.º — 1 — As funções de policiamento e fiscalização, dentro do perímetro da paisagem protegida do Monte Brasil, competem aos guardas florestais, à câmara municipal e ao corpo de vigilantes privativos da paisagem protegida.

(...)

GRUTAS E ALGARES DOS AÇORES (7)

- ILHA TERCEIRA -

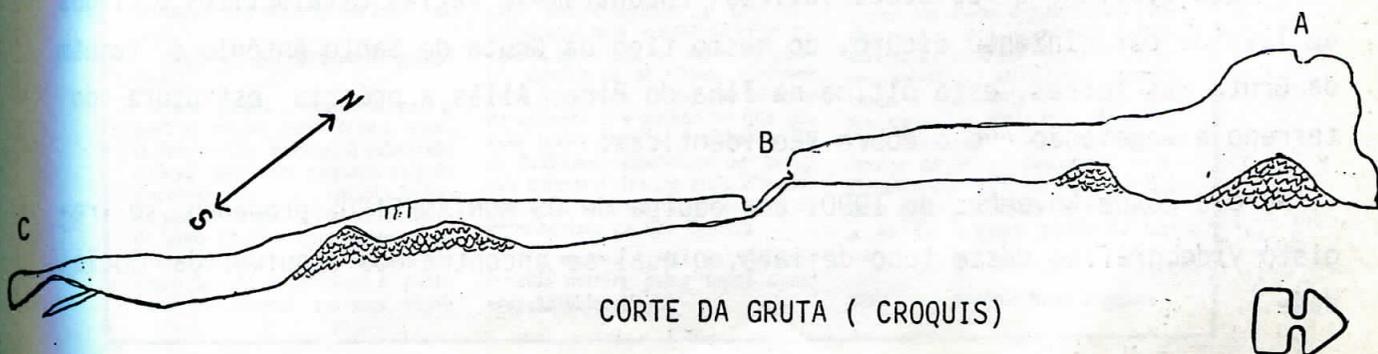
GRUTA DA MADRE DE DEUS

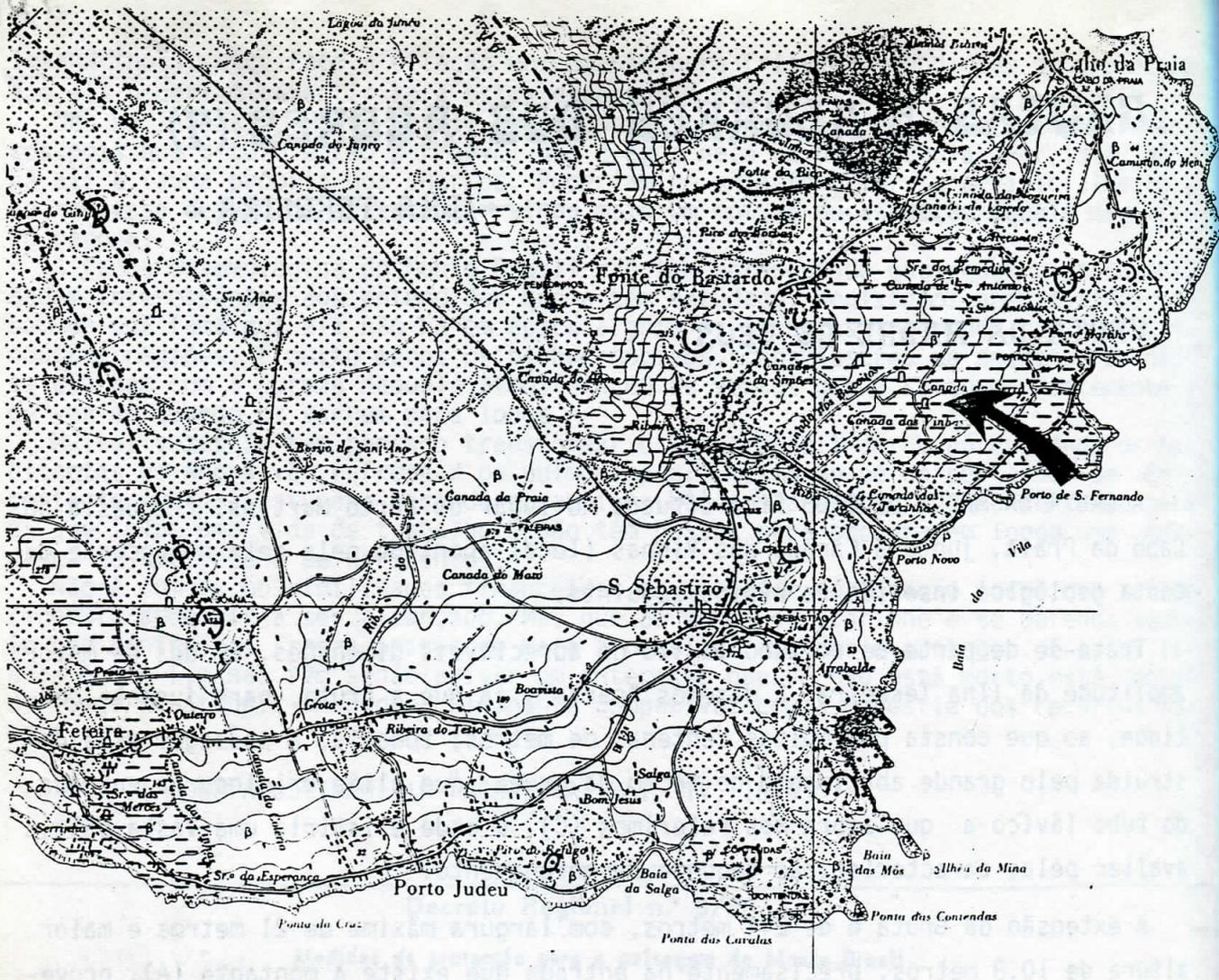
A GRUTA DA MADRE DE DEUS fica situada no lugar do Porto Martins, freguesia do Cabo da Praia, junto à Canada das Vinhas (local apontado pela seta no recorte da carta geológica inserido na página seguinte).

Trata-se de parte de um tubo lávico de apreciáveis dimensões, um dos de maior amplitude da Ilha Terceira. E dizemos "parte", já que a gruta, para jusante, continua, ao que consta por muitas centenas de metros; todavia, a passagem está obstruída pelo grande abatimento do tecto da gruta, que aliás originou a entrada do tubo lávico a que agora nos referimos (C), e onde existiria uma vasta sala, a avaliar pelas características daquele desmoronamento.

A extensão da Gruta é de 244 metros, com largura máxima de 21 metros e maior altura de 10,8 metros, precisamente na entrada que existe a montante (A), proveniente de desabamento do tecto numa sala de grandes dimensões, originando pequena abertura, por onde só com material adequado é possível a descida. Embora esta sala não permita a progressão, em qualquer dos seus pontos, é de crer que vá ligar com a Gruta de Santo António, algumas centenas de metros situada a montante. Aliás, estes dois tubos lávicos deverão ter sido constituídos por um mesmo e único derramamento.

Não acreditamos, contudo, na possibilidade (expressa pela tradição) de ligarem estes tubos lávicos com a Caldeira das Lages, distante deste local mais de uma dezena de quilómetros e com acidentes orográficos de diversa índole nesse percurso.





- Como características principais deste tubo lávico, podemos apontar:
- a existência de algumas amplas salas, com imponentes "bancadas" nalguns pontos do percurso;
 - a célebre "LINGUA DE SOGRA", ou seja, uma grande lage que se desprendeu do tecto, ficando presa numa das extremidades, apresentando a forma de uma língua;
 - uma sala repleta de raízes de árvores, dispostas em curiosa formação e permitindo um belo instantâneo fotográfico;
 - um "estrangulamento" do tubo (B), obrigando a passagem rastejante e de alguma dificuldade;
 - e ainda a grande amplitude da sala de entrada, início da gruta a montante.

No que concerne a formações lávicas, encontram-se várias estalactites e "pingos de lava" de cor cinzento escuro, do mesmo tipo da Gruta de Santo António e também da Gruta das Torres, esta última na Ilha do Pico. Aliás, a própria estrutura do terreno e vegetação que o cobre são idênticas.

No dia 25 de Novembro de 1990, uma equipa de OS MONTANHEIROS procedeu ao registo videográfico deste tubo de lava, o qual se encontra nos arquivos da Sociedade.

Uma das tarefas que urge meter ombros é a da desobstrução da gruta, a jusante. No entanto, só com material adequado isso se tornará viável, uma vez que se trata de pedras de grande dimensão e os "ombros" não resolvem o assunto. Mas, certamente será encontrada a solução, num futuro próximo.

IN "JORNAL DE ANGRA", DE 24 DE MARÇO DE 1936

A FURNA DA MADRE DE DEUS

— NO —

PORTO MARTINS

Ha tempos que esse lugar érmoo e triste vae sendo frequentado por curiosos, e tem testemunhado estrôndas libações.

Vou, pois, expôr o que era na minha mocidade a Furna da Mãre de Deus. Conquanto não chegasse ainda á idade de Mathusalem ou do vivedouro Nestor, é notável a diferença que a mão devastadora do tempo e o vandalismo dos homens tem exercido nessa localidade outrôra tão apazível.

Principiemos pela parte arqueológica.

O primeiro objecto que se oferecia aos olhos do observador era as ruínas duma casa com sua capela contigua como se vê em muitas construções antigas, antes que o positivismo filosófico do século actual marcasse com o ridículo a devoção dos nossos maiores. Era nessas capelas que nossos avós passavam na oração aquelas horas do dia que vós, garridas leitoras, passaes no toucador, ocupando em seguida nos arranjos domésticos aquellas horas longas que vós passaes no tédio que gera a ociosidade. O interior desta capelinha era notável pelos vistosos arabescos de busios de várias côres e mosaicos de conchas transparentes que ornavam os alisares, nicho e baldaquino. Tudo desapareceu, sendo demolida a capela para que a parede que circunda o prédio, hoje mato de faias, fôsse reformada com um metro de altura. De frente, para o lado do nordeste, se via um torreão como ainda hoje ha tantos no Porto Martins: era nesses torreões que ao som das violas e rabecas se passavam alegremente as amenas noites do estio naqueles felizes tempos em que o homem podia apertar sem receio a mão que lhe estendia o amigo, quando os habitantes da Praia formavam uma só familia, antes que a negra serpe da politica lhe inoculasse nas veias o seu letal veneno.

Passemos agora á parte geológica.

A dez passos de distancia para a parte do poente, encontra-se a cratera dum vulcão extinto. A subversão do solo forma um pequeno vale de cincoenta passos de circuito fechado por um muro natural de basalto de forma circular. Larangeiras seculares ostentavam ali sua esplendida vegetação. As madresilvas e passifloras entrelaçadas em suas copas

formavam um docel impenetrável aos raios do sol, deixando apenas passar uma luz misteriosa. O delicioso aroma das flôres que embalsamavam o ambiente, a sombra impenetrável, a exalação glacial que saia da furna, espalhando a frescura nesse lugar tão poético, trazia ao pensamento a fantástica gruta de Calypso, tão elegantemente descrita por Fenelon.

Que lugar mais próprio para morada dos Deuses?!

Presentemente tudo ali está mudado; o machado devastador decepou as laranjiras, as silvas e outras plantas parasitas parecem defender a entrada deste lugar outrôra tão pitoresco e as exalações melíticas da arruda, sobre a qual é forçoso caminhar, substituem o grato aroma das flôres. Até os sólidos rochedos tem sofrido estragos causados pelas comoções da natureza; ainda se vê no rochedo que circunda o pequeno vale para o lado do meio-dia uma pequena gruta chamada (não sei por que) *os seto altares*: — de frente, para a parte selentrional, se vê a entrada da *Furna da Mãre de Deus*, hoje também diferente pelos estragos do terramoto de 1841. Da sólida abóboda partida em muitos lugares, se despeñham enormes penedos, que obstruindo parte da entrada e rolando até ao fundo, destruíram a escada que facilitava a descida onde ora vou conduzir vos, respeitável leitor. Se vos afirmarem que a furna atravessando uma parte da ilha, vae sair á caldeira Jas Lagens, *risum tementis*. Conquanto seja profunda não tem saída alguma; se a tivesse, uma constante coluna d'ar se observaria dentro dela onde se não sente mais que a sensação dum frio glacial; não precisas, portanto, o fio de Ariadna para sair deste labirinto; também não precisas archotes porque as trevas são tão densas que dominam completamente a luz. Escolhei uma bela manhã de julho ou agosto, quando o sol, saído ha pouco, dardeja os seus raios obliquos até o interior da furna; este luminar da natureza é a melhor luz que podeis levar. De balde procurareis ali as brilhantes estalactites de cristal que ostenta a famosa gruta d'Anthiparos, ou a transparência magica da gruta azulada da ilha Caprêra.

Nas agudas pontas da abóboda fundida outrôra pelos fogos duma erupção vulcanica, e

Por entre um musgo antigo verde-escuro Vereis no ar luzir a cada instante, Semelhando diáfano diamante, Liquidas gôtas do cristal mais puro.

Molham da gruta o pavimento escuro Com cadencia monôtona e constante; A pura linfa limpida e brilhante Junta-se em cava dum penedo duro.

Qual na formosa Atenas sucedia No Clypsidro as aguas alternadas A horas repartindo noite e dia:

Assim da vida as horas tão maguadas Contar parecem na estancia fria As sucessivas gotas despenhadas.

E' esta água limpida e frigidissima, filtrada pela espessa abóboda natural da furna em que consiste actualmente todo o seu merecimento. Junta-se no lugar mais baixo do pavimento, onde, de três em três dias, se pode encher em taíha e pela sua frescura supre a neve potável. Não vale a pena ir mais além porque só vereis negros rochedos cujas pontas salientes baixando progressivamente vos ameaçam o crâneo.

Assim como as grutas da Islandia e os lagos e grutas da Escócia tem as suas lendas maravilhosas e as crenças populares as povôam de fadas e outros entes fantásticos, que o príncipe dos modernos romancistas — o talentoso Walter Scott — não desdenhou reproduzir em suas obras imortaes, acredita-se também que á meia noite sai da furna um padre revestido como para celebrar! E um velho feitor de meu avô me afirmou tê-lo já visto. Tal foi a perturbação do seu cérebro que lhe fez julgar realidade uma ilusão!

Eis a razão singela e despretençiosa de quem conhece perfeitamente esse lugar onde muitas vezes, andando á caça, busquei lenitivo contra os ardôres do sol. Então o grato aroma das flôres dispersava em minha alma as ilusões próprias da primavera da vida, em que o futuro se me anteolhava um paraíso risonho como a esplendida vegetação que me cerrava e ainda hoje simpatizo com esse ermo, verdadeira semelhança da minha desgraçada vida. Debaixo dos pés, espinhos; um circulo de negros rochedos em volta, e ao fim o negro orifício da furna.

RECORTES DO ALBUM



Américo Luís preparando-se para descer o Algar da Madre de Deus

IN "DIÁRIO INSULAR" de 13/7/1966

GALERIAS E ALGARES DA ILHA TERCEIRA

CAMPANHA QUE É UMA REVELAÇÃO
E REVELAÇÕES DE UMA CAMPANHA

NÚMERO DE ESTAÇÕES EXPLORADAS: 31

VALORES EM EVIDÊNCIA — O ALGAR DO CARVÃO — GALERIA NEGRA — GALERIA DOS BALCÕES — GALERIA QUEIMADA — ALGAR DO PICO DO AREÃO — GALERIA DO PAU VELHO — ALGAR DO PORTO MARTINS E FURNA DA MADRE DE DEUS

Um mundo de interesse, de curiosidade, de mistério, de motivos científicos e de belezas naturais se estende pelo subsolo da Ilha Terceira.

O grupo «Os Montanheiros», espeleólogos por amadorismo, tomou sobre si o encargo de uma campanha de exploração de galerias, grutas e algares que o vulcanismo deixou como significativa e concludente marca nesta Ilha.

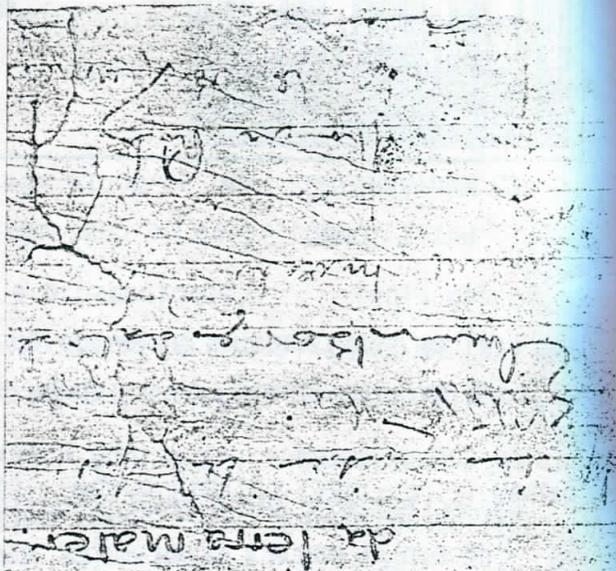
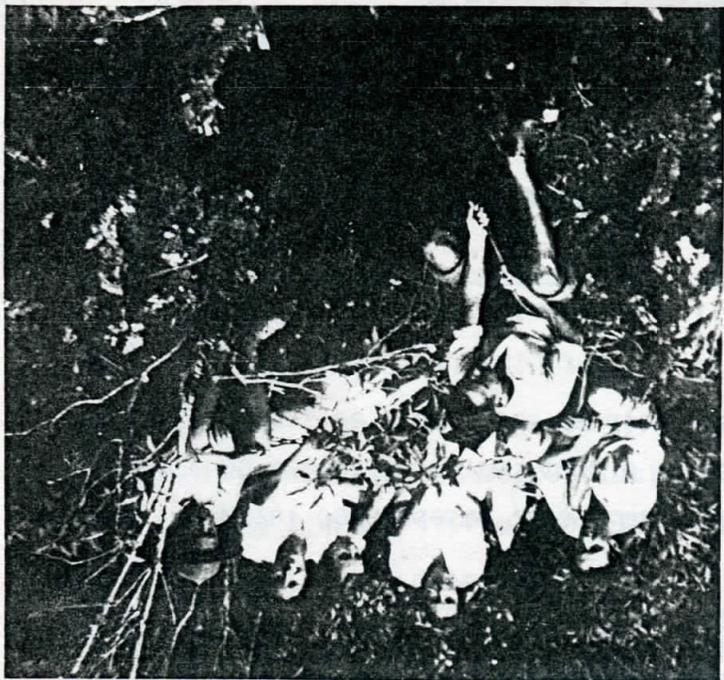
Essa campanha redunou em êxito e integra-se, por enquanto, em 31 «estações» já exploradas ou (uma delas) em exploração.

A recente descoberta, sensacional a vários títulos, da Galeria dos Balcões, suscitou um movimento de geral interesse já pelas invulgares dimensões da «estação» e pela variedade de motivos atractivos que compirta, já porque falta ainda reconhecer uma parte inexplorada.

NÚMEROS E CARACTERÍSTICAS DAS PRINCIPAIS ESTAÇÕES

ALGAR DO CARVÃO — Situação: Na zona do Carvão, mesmo no centro da ilha e a cerca de um quilómetro das Furnas do Enxofre.

● Cerca de 105 metros de profundidade com diversas galerias ● 3 abóbadas distintas, uma delas com cerca de 90 metros de altura ● na parte mais funda existe uma lagoa com cerca de 40x25 metros, sendo necessário, de inverno, um barco para acesso à galeria dos Bordões ● Numerosas estalactites e estalagmites.



A esquerda: Fotocópia do manuscrito colocaldo na garrata de que acima se fala, na gruta da Madre de Deus. Em baixo (foto da mesma data, 1940), da esquerda para a direita: Manuel Pinheiro, José Forjaz, Maria Manuela Pereira, Natália Ourique, Hosa Simões e Luís Fernando Ourique.

Os Escurecimentos do Pico
Martins no Ano da Graça
de MCWXXX
(1740)
de baixo assirados,
saldam os futuros exploradores
que, com as mesmas qualidades
de coragem e perseverança, se
atreveram a desvassar os arcanos

ALGAR DO PICO DO AREAO
Trata-se de uma fenda com cerca de 50 metros de profundidade. Es- te algar foi aberto por um terra- moto em data desconhecida. Lar- gura mínima: cerca de 1,5 metros; máxima: cerca de 5 metros.
GALERIA DO PAU VELHO — (No Pau Velho) ● Tem cerca de 200 metros de extensão ● Altura mínima: 1m,50; máxima: 4 me- tros ● em época de grandes chuvas forma-se um ribeiro subterrâneo ● Nas abobodas mais altas vêm-se raízes que chegam quase até ao piso.
ALGAR DO PORTO MARTINS E FUNDA DA MADRE-DEUS — (No Porto Martins) ● Este algar, com uma descida de 14 metros em ver- tical, dá acesso à gruta da Madre- Deus cuja extensão é de cerca de 600 metros ● Altura mínima: 0m,40; máxima: 20 metros ● Foi nesta ga- leria encontrada uma garrata com mensagem ali colocada por outros exploradores há cerca de 26 anos.
(Elementos formados pelo grupo «Os Montanheiros»)

máxima — 1 metro — Largura máxi- ma 8 metros ● Apresenta diversos tipos de estalactites e estalagmites de: Basalto — Limonite — Vegetais e brancos de matéria desconhecida ● Vêm-se também diversas raízes que atravessaram os tetos das ga- lerias; algumas chegam ao chão, atingindo mais de 2 metros.
GALERIA QUEIMADA — (quei- mada dos Altares) — Tem cerca de 550 metros de extensão ● Altura mínima: 0m,60 e máxima: 3 metros ● Largura mínima: 1 metro — lar- gura máxima: 15 metros ● Há 3 salas distintas, uma delas apresen- tando diversas colunas de limoni- te por isso chamada a Sala das colunas.

GALERIA NEGRA — (junto à Lagoa do Negro) ● Cerca de 600 metros no total dos respectivos cor- redores ● Tem 3 salas ● Altura mí- nima — 0,80 — Máxima — 5 me- tros ● A galeria passa debaixo da lagoa ● Largura mínima — 1 me- tro — máxima — 12 metros.
GALERIA DOS BALCOES — (Lugar do Pau Velho) — Não es- tá ainda totalmente explorada ● Já se penetrou cerca de 2 000 me- tros, contando com diversos corre- dores ● Já ainda seguem-se a explo- rar um algar e 2 corredores não explo- rados ● Altura mínima — 0m,60 — máxima — 4 metros ● Largura mí- nima — 0,80 — Máxima — 5 me- tros ● A galeria passa debaixo da lagoa ● Largura mínima — 1 me- tro — máxima — 12 metros.

ANIVERSÁRIOS:

Neste último mês do Verão de 1991, foram 60 os associados de OS MONTANHEIROS a celebrarem mais um aniversário.

Entre eles, contam-se vários dos actuais dirigentes da nossa colectividade, a saber: o Presidente da Direcção, MANUEL DE AGUIAR SILVA, que, no dia 10, atingiu meio século de vida plena de actividade e energia; o Tesoureiro FERNANDO EMANUEL AMARANTE PACHECO PEREIRA, aniversariante a 19; e também os membros da Assembleia Geral, LUIS VASCONCELOS BETTENCOURT e JORGE ORLANDO FERREIRA DA SILVA, respectivamente nos dias 20 e 14.

Também foram aniversariantes em Setembro os seguintes sócios:

Adalberto Florêncio (Sócio 241 - Dia 29) - Alvaro Teixeira (581 - 7) - António Agra (21 - 15) - António Cecílio (57 - 5) - António Costa (595 - 30) - António Gomes (687 - 21) - António Oliveira (775 - 28) - Augusto Teixeira (489 - 8) - Branca Machado (573 - 4) - Carlos Coelho (642 - 15) - David França (439 - 5) - Edmundo Cabral (222 - 14) - Eduarda Reis (477 - 23) - Eduardo Martins (174 - 21) - Fausto Fonseca (225 - 19) - Fernando Costa (69 - 21) - Fernando Dias (335 - 26) - Fernando Fernandes (340 - 25) - Fernando Junqueira (778 - 22) - Fernando Simões (47 - 21) - Filomena Santos (258 - 22) - Francisco Noronha (617 - 30) - Francisco Fontes (435 - 9) - Francisco Freitas (652 - 2) - Francisco Xavier (521 - 26) - Guilherme Avila (14 - 5) - Idondino Vasconcelos (141 - 14) - Isabel Cunha (177 - 13) - Jácome Bettencourt (353 - 5) - João Cardoso (615 - 30) - João Machado (357 - 17) - João Martins (485 - 30) - Jorge Azevedo (448 - 3) - José Cardoso (445 - 18) - José Freitas (200 - 30) - José Gabriel Bett (59 - 21) - José Meneses (128 - 15) - José Pacheco (255 - 24) - José Ribeiro (758 - 23) - José Sabino (217 - 7) - José Soares (207 - 29) - José Teixeira (535 - 23) - José Toste (641 - 7) - Luis Costa (475 - 3) - Luis Silveira (527 - 2) - Marcelo Lima (387 - 17) - Maria Larsen (771 - 16) - Maria Margarida Silva (601 - 8) - Norberto Silva (600 - 21) - Paulo Coelho (701 - 4) - Paulo Gil (192 - 20) - Paulo Paim (199 - 25) - Pedro Fidalgo (440 - 3) - Ramiro Lima (34 - 26) - Rui Fonseca (752 - 28) - Vasco Aguiar (51 - 3).

Ao "Vendaval do Nordeste", ao "Emigrante Parda", ao "Stædivarius Software" e ao "Avôzinho" (Sócio nº 4), bem como a todos os aniversariantes, PINGO DE LAVA deseja muitos anos de vida cheia de alegrias e prosperidade!

PINGO DE LAVA

ÓRGÃO INFORMATIVO DE "OS MONTANHEIROS"

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - Rua da Rocha, 6/8

9700 ANGRA DO HEROÍSMO - TERCEIRA/AÇORES

Tel. 22992

+ Distribuição Gratuita +

